

O CUMPRIMENTO DA LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Ingrit Yasmin Oliveira da Silva
UNESPAR - Campus de Campo Mourão
Fabiane Freire França
UNESPAR - Campus de Campo Mourão
Delton Aparecido Felipe
UEM - Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Por acreditarmos que a escola é um espaço propício para ouvir e narrar histórias, esse texto visa relatar uma experiência didático-pedagógica realizada em uma escola localizada na cidade de Campo Mourão-PR. Buscamos responder as seguintes problemáticas: quais as representações de raça que circulam na Educação Infantil? De que maneira podemos contribuir para discussões nesse espaço? Selecionamos para as ações pedagógicas uma turma com vinte crianças com idade entre 4 e 5 anos, que estudam na turma do Nível II. A seleção da Educação Infantil, deu-se pelo fato de que nessa etapa, as crianças estão em processo de formação e construção de identidade. Por isso, a necessidade de problematizar as bases histórica do racismo e da desigualdade social que ainda afeta parte significativa da população negra brasileira e, portanto, se faz necessário que docentes desenvolvam práticas que valorizem a história e cultura das pessoas em suas variadas diferenças. Consideramos que as narrativas que circulam na escola, as histórias que são contadas e as representações que são vistas como referências precisam ser revisitadas e pluralizadas, para problematizar e desconstruir o modelo de branquitude estabelecido pela sociedade.

Palavras-chave: Educação Infantil; Contação de histórias; Lei 10.639/03; Representações raciais.

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar as representações sobre a população negra na Educação Infantil, se deu a partir da realização de um trabalho referente a “Cotas Raciais” na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico I, durante a graduação em Pedagogia no ano de 2015. Neste sentido, ao pesquisar sobre o tema sentimos a necessidade de conhecer mais o assunto e entendemos que em observância ao artigo 1º, § 1º da Resolução nº 1/04 do Conselho Nacional de

Realização:

Apoio:



Educação (CNE) e o artigo 5º da Deliberação 04/06 do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE) são requisitadas propostas curriculares e ementários relativos à inclusão das Relações Étnico Raciais nas disciplinas e atividades curriculares dos cursos do Ensino Superior.

No decorrer das discussões realizadas na disciplina, algumas das acadêmicas do curso¹ apresentaram um posicionamento contrário a temática de cotas raciais, justificando que quando o/a negro/a “aceita” fazer parte das cotas é porque “sabe que não é capaz de conseguir” passar no vestibular ou em concurso sem este “benefício”, e, portanto, se “considera inferior” em relação aos brancos que não necessitam desse caminho “fácil” para ingressar no vestibular ou concurso público.

Partindo deste contexto e das minhas experiências e vivências enquanto criança, e hoje como mulher negra, percebi que se faz necessário trabalhar as representações que foram objetivadas sobre a população negra no Brasil e como elas são construídas socialmente. Compreendemos o conceito de representação social, com base em Moscovici (2011), como forma de produção coletiva que envolve interação e comunicação para nomear e classificar aspectos do mundo, da história individual e pessoal. Ocorre que essas representações são objetivadas por alguns grupos como legítimas ou únicas, mediante as relações de poder envolvidas (FRANÇA, 2014).

Se em um curso de graduação, que formará profissionais para a área da educação, existe uma visão ainda restrita atribuída à população negra, a situação torna-se mais preocupante ainda em outros espaços, em que a discriminação racial existe de forma rotineira e naturalizada.

Com efeito, respaldamos a preocupação e inquietação em abordar essas discussões na Educação Infantil, na formação inicial das crianças, para que desnaturalizem discursos como esses e conheçam outras narrativas e histórias da cultura negra. Selecionamos para a experiência didático-pedagógica uma turma com vinte crianças com idade entre 4 e 5 anos de idade, que estudam no Nível II em período integral.

¹ Eram vinte acadêmicas, todas mulheres.

Realização:

Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



As relações cotidianas com as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, como Professora da Rede Básica de ensino, me propiciaram uma abertura ao diálogo com a escola e com os alunos e alunas. Foi nesse *lócus* que encontrei indagações para a realização dessa pesquisa, em vista disso, problematizamos: quais as representações de raça que circulam na Educação Infantil? De que maneira podemos contribuir para discussões nesse espaço? Por que a opção de trabalhar essa temática na escola? O espaço escolar é permeado por diversas narrativas sociais, que podem ou não construir processos de visibilidades das identidades dos sujeitos sociais, nessa perspectiva o sentido de quem somos é construído por meio de narrativas.

Para atender à problematização, o artigo foi elaborado por meio de pesquisa qualitativa e ancorado na Teoria das Representações Sociais com o objetivo de compreender a maneira que as crianças constroem a visão de si mesmas e do mundo que as cercam por meio das interações estabelecidas no cotidiano escolar. Para a coleta de dados, foram utilizadas observações participantes e intervenções pedagógicas no ambiente da Educação Infantil, pois este nos permitiu que suas representações sobre o mundo, mesmo que de forma provisória, viesse à tona.

Ao iniciar as atividades, apresentamos às crianças duas bonecas, uma de cor preta e outra branca, o que nos permitiu perceber as representações dos alunos/as sobre a estética e corporeidade referente a população negra de uma forma geral e posteriormente realizamos a contação história baseada em três literaturas infantis, sendo elas: “Menina bonita do laço de fita” (MACHADO, 1996), “O menino marrom” (PINTO, 1986) e “Bruna e a galinha D’angola” (ALMEIDA, 2003), como recurso pedagógico.

2 A LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA INFÂNCIA

Optamos pela contação de história como um dos recursos para a abertura do diálogo acerca das representações que as crianças têm sobre a população negra. As histórias selecionadas apresentaram como tema central a discriminação racial, a representação negra e o racismo.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





A partir da aprovação da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), torna-se obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Dessa maneira, trabalhar com essas temáticas em uma escola localizada no interior do Paraná, além de contribuir para o cumprimento da Lei, nos ajuda a problematizar o discurso da não existência da população negra no Paraná.

Assim, se faz necessário que docentes, desde da Educação Infantil, desenvolvam práticas que valorizem a história e cultura das pessoas em suas variadas diferenças. Além disso, é possível fomentar que essas ações pedagógicas voltadas para essas temáticas somente seriam válidas se realizadas durante todo o ano letivo e não somente em datas comemorativas, como 20 de novembro no “Dia da Consciência negra” ou o “Dia internacional da mulher”, celebrado em 8 de março.

De acordo com Cavalleiro (2003, p.10), “a relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu identificar que, nesta faixa de idade as crianças negras apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem”, neste sentido, é importante ressaltar e valorizar as conquistas da população negra, favorecendo deste modo que as crianças se identifiquem e tenham orgulho de suas histórias, memórias, raízes e patrimônios. Partindo deste pressuposto, é necessário trabalhar com estas questões mesmo que não tenha nenhuma criança negra presente na sala de aula, é importante destacar a diversidade cultural e as relações raciais no ambiente escolar para que todas as crianças conheçam e se aproximem de outras culturas.

Neste sentido, a partir das vivências com a família e a escola a criança poderá desenvolver uma autoimagem positiva ou negativa. Para desconstruir a imagem negativa e produzir outras perspectivas positivas acerca da população negra é necessário que práticas rotineiras, excludentes e preconceituosas deem lugar para outros olhares. Partindo deste pressuposto, Araújo (2002) fomenta que:

Cada ser humano constrói para si uma imagem que julga representá-lo, com a qual de identifica e se confunde (...) essa auto-imagem possui uma dimensão efetiva em sua constituição, que também se relaciona com os valores da cultura e com a constituição

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



biofisiológica do corpo que a sedeia (...) a auto-estima; o valor, ou os sentimentos que cada um projeta a atribui a si mesmo. Sem poder falar de padrões definidos ou de normalidade, essa auto-estima pode ser mais negativa ou positiva, com consequências visíveis sobre as interações do sujeito com o mundo e consigo mesmo (ARAÚJO, 2002, p.68).

Sendo assim, se o ser humano é constituído por meio das relações sociais com o mundo, e a sociedade define um padrão ideal de sujeito, porte físico, cor da pele, altura, etc, a formação docente necessita problematizar estes padrões e as “histórias únicas”, que apresentam somente um ponto de vista e geralmente consideram como anjos, crianças brancas e como heróis, homens brancos.

É pensando em questões como estas que o/a docente em sala de aula precisa refletir e trabalhar para o reconhecimento, valorização e representatividade de suas alunas e alunos. É necessário que a escola, local de conhecimentos e aprendizagens, seja um ambiente em que professores/as e toda a comunidade escolar se envolvam com questões de raça, etnia, gênero, classe, sexualidade, para que os/as alunos/as se sintam representados/as neste espaço. Afinal, de que maneira essas crianças teriam uma imagem positiva de si mesmas se no local onde ficam a maior parte do tempo consideram que elas são incapazes de aprender devido a cor da pele, classe social ou gênero? Preocupa-nos saber que ainda muitos/as são os/as professores/as que não realizam ações necessárias diante de situações de preconceito entre as crianças por não saber lidar com a temática ou simplesmente por pensar que estas questões não cabem neste espaço.

Partindo deste pressuposto, desde a infância as crianças ouvem as histórias de contos de fadas, entre elas “A bela adormecida” e a “A branca de neve” que incitam que os meninos brancos são considerados os príncipes e que podem beijar, as meninas quando quiserem. Outra história que se repete é a do filme produzido pela *Walt Disney*, “A princesa e o sapo”, em que a única princesa negra dos contos de fadas é uma garçonne chamada Tina. No filme, o príncipe vira sapo e para o feitiço terminar, ela tem que beijá-lo.

Diante disso é possível perceber que a maioria das princesas, esperam a vida toda para se casar com um príncipe, são ricas e brancas, já a personagem Tina é uma jovem de origem pobre e negra que também espera por esse príncipe. Isto

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



mostra de acordo com Giroux (2003, p.133) que “por trás do apelo ideológico à nostalgia, aos bons tempos e ao ‘lugar mais feliz sobre o globo’, existe o poder institucional e ideológico de um conglomerado multinacional que exerce uma enorme influência social e política”.

A partir desse olhar, é possível enfatizar que muitas são as crianças negras que se limitam ao brincar de faz-de-conta, silenciam para não serem notadas e desejam ser brancas para sentirem-se princesas ou príncipes dos contos de fada que assistem, ou como as bonecas e os bonecos que passam nas propagandas, que são em sua grande maioria brancas/os.

4 CAMINHOS DA PESQUISA

Para a coleta de dados da pesquisa utilizamos as observações participantes no ambiente escolar registradas no diário de campo (MINAYO, 1993) com o objetivo de compreender as representações de raça na infância, bem como, a maneira que as crianças constroem a visão de si mesmas e do mundo que as cerca por meio das interações estabelecidas no cotidiano escolar. As observações foram feitas no interior da escola, nos espaços e nas salas de aulas voltados à Educação Infantil.

Para anotar a fala das crianças utilizamos um diário de campo, pois este nos permitiu os relatos das crianças livremente, permitindo que suas representações sobre o mundo, mesmo que de forma provisória, viesse à tona. Pérez (2003, p.101) diz que “o ato de narrar se torna um ato de conhecimento, isto é, uma rede tecida de representações diversas, traduções variadas sobre o mundo e sobre o objeto da história que cria sonhos, utopias e compartilha outras realidades.

Foi assinada uma carta de autorização pela direção da escola contendo as atividades que seriam realizadas no contexto escolar. As literaturas selecionadas foram apresentadas aos demais colegas docentes. A partir da contação de histórias, foram registradas as opiniões das crianças sobre o que consideram importante na questão da corporeidade, do que gostam de brincar e o que consideram como características de meninas ou meninos, entre outras.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



A escola, *lócus* da pesquisa, atende cerca de 414 alunos/as matriculados/as e de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a população possui nível socioeconômico baixo, com renda mensal de um salário mínimo, ainda 80% recebe auxílios financeiros do governo como complemento.

Outra informação que consta no PPP da escola e foi significativa para o desenvolvimento da experiência didático-pedagógica é o objetivo proposto pela instituição de propiciar uma educação de qualidade a todos/as os/as envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, por meio de educação sem preconceitos, aceitando as diferenças e particularidades dos/as educandos/as. Essa proposta nos remeteu às leituras de Busatto (2003, p.38), quando afirma que a contação de história ao ser trabalhada no ambiente escolar possibilita enxergar as diferenças culturais e constatar que a diversidade é saudável e ainda auxilia “a expansão da nossa consciência ética e estética”.

No primeiro dia da experiência didático-pedagógica, compareceram todas as crianças matriculadas no Nível II, oito meninas e doze meninos, sendo duas crianças negras, uma menina e um menino. Ao iniciar as atividades apresentamos às crianças duas bonecas, uma de cor preta e outra branca como uma “atividade sensibilizadora”, o que nos permitiu perceber as representações dos alunos/as sobre a estética e corporeidade referente a população negra de uma forma geral. A partir disso, as crianças começaram a responder quais as representações que tinham acerca das bonecas, sendo que, sete das oitos meninas responderam: “a cor de pele”, “a que tem olho azul”, “a branca é mais bonita”. Apenas uma das meninas relatou: “eu acho a preta a mais bonita porque ela é da minha cor”. Entre os meninos, onze dos doze meninos responderam: “a cor de pele”, “a salmão”, “a bege”, “a clarinha é bem mais bonita” e apenas um dos meninos respondeu que a boneca mais bonita era a preta e a pesquisadora questionou, por que você acha a boneca preta a mais bonita? e ele fomentou: “porque ela parece comigo”, além disso, uma questão foi levantada pelas crianças acerca dos anjos, quando estávamos falando sobre as cores um menino fomentou que a boneca branca era bonita porque “era da cor de um anjo” e uma menina que se considera negra respondeu: “também tenho cor de anjo”(Registro do caderno de campo). Nesse sentido, consideramos que:

Realização:

Apoio:



O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras (GOMES, 2003, p. 134).

Nessa perspectiva, percebemos que a imagem da população negra ainda é vista de forma preconceituosa, considerada esteticamente feia e inferior à imagem branca devido a cor da pele e atributos como o cabelo crespo. Consideramos que a escola deve trabalhar essas questões raciais desde a Educação Infantil, para problematizar e desconstruir o modelo de branquitude estabelecido pela sociedade que considera pessoas brancas e o cabelo liso sinônimos estéticos de beleza.

Após os relatos das crianças, solicitamos que as meninas respondessem se elas achavam mais bonito os meninos com a cor branca ou preta. Seis meninas responderam que os meninos brancos eram os mais bonitos, uma respondeu que ambos, e somente uma delas, a que se reconhece como negra, respondeu que os meninos pretos são mais bonitos porque parecem com o seu pai.

Quando questionadas, as meninas que responderam que meninos brancos eram os mais bonitos em um cenário de sorrisos, olhares para cima, cochichos e afirmações como: “os dois são bonitos”, “branco é mais bonito”. Ao questionar os meninos em relação as meninas, surgiram discursos como: “acho menina branca porque tem cabelo liso e cor de pele, dá pra ver melhor”, “branca é mais bonita porque pretinha tem cabelo ruim (risos)” (Registro de caderno de campo).

A autora Maria Aparecida Silva Bento (2012) evidencia que nos levantamentos que fez acerca da identidade racial de crianças identificou que algumas representações se repetem e uma delas vai ao encontro do que identificamos nas falas supramencionadas.

[...] crianças pequenas brancas se mostram confortáveis em sua condição de brancas e raramente explicitam o desejo de ter outra cor de pele ou outro tipo de cabelo. Com frequência explicitam que branco é bonito e preto é feio (apontando bonecas, personagens de livros, colegas, professoras) (BENTO, 2012, p. 101).

Realização:



Apoio:



Esses aspectos nos evidenciam que as narrativas que circulam na escola, as histórias que são contadas e as representações que são consideradas como referências precisam ser revisitadas e pluralizadas. E o modo que encontramos para apresentar outras perspectivas às crianças foi a contação de histórias.

Keu Apoema, ao falar das contribuições da contação histórias para o processo pedagógico afirma que “contar histórias é uma arte. Ela provoca prazer, surpresas, suscita emoções, logo, é uma experiência estética. Ao mesmo tempo, as narrativas estão cheias de enredos que tratam da humanidade, de experiências humanas” (FELIPE, FRANÇA, 2016). E no intuito de propiciar aos/as alunos/as um contato com as experiências humanas vinculada a população negra brasileira, realizamos a contação história baseada em três literaturas infantis, sendo elas: “Menina bonita do laço de fita” (MACHADO, 1996), “O menino marrom” (PINTO, 1986) e “Bruna e a galinha D’angola” (ALMEIDA, 2003).

Em um de seus escritos, Abramovich (1995, p.17) argumenta que “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica”, nesse sentido, as histórias infantis têm muito a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem das crianças no ambiente escolar.

As crianças ficaram curiosas para verem o que estaria atrás da cortina, cochichavam entre elas palpitando sobre qual história seria contada e ao verem o fantoche, ficaram atentas até o final. Após esse momento, continuaram sentadas no tapete, mas em círculo e sentadas com elas perguntamos se gostaram da história e pedimos que cada um levantasse a mão como combinado antes de começarem a falar. Questionamos ainda, se as crianças acharam bonita a menina da história, algumas delas disseram que sim, outras riram sem responder, e uma menina respondeu: “se ela fosse branca ela seria mais bonita porque ia ter cabelo liso”.

Duarte (2012), em pesquisa acerca das representações sociais de raça na Educação Infantil considera que o cabelo crespo é apresentado como algo a ser domado e sinônimo de inferioridade na sociedade. Por isso as representações que as crianças apresentam sobre o cabelo estão atreladas ao projeto de branqueamento promovido no estado do Paraná. E outras respostas das crianças

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



legitimaram essa idealização ao branco como referência de beleza: “a cor dela é meio marronzinha, branca é mais bonita”.

Nesse contexto a pesquisadora negra indagou: “então eu não sou bonita? Porque eu sou pretinha igual a menina bonita do laço de fita”. As crianças riram, e a maioria disse, “você é bonita”, “sua cor é marrom e não preta”, “a menina é bem preta”. As discussões corroboram com o imaginário social de branqueamento, de que quanto mais branca é a pessoa, ela representa a pureza e a beleza, em contrapartida a cor preta é associada à sujeira e discriminação, como explicitado também em outra pesquisa, no excerto a seguir.

Provavelmente, a consciência que a criança adquire é de que seu corpo provoca essas rejeições, e essa percepção pode estabelecer uma relação ruim com esse corpo. A associação da cor preta com sujeira apareceu seguidamente em situações de discriminação. Dessa e de outras formas, o corpo negro passa a ser sentido como corpo que traz dor, corpo indesejado, que precisa ser modificado. E, como corolário, coloca-se o desejo de ter um corpo branco, aquele considerado bonito, agradável (BENTO, 2012, p. 111).

Após os relatos, as crianças disseram que gostaram da história, e a parte que mais chamou a atenção delas foi quando o coelho da história perguntava: “Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?”, e alguns fizeram questionamento como: “se cair na tinta fica preto mesmo mais a tinta sai depois né?”, “se gente preta tomar banho fica branca?”, “já tomei café e não fiquei preto” (Registo de caderno de campo). O fato das crianças conhecerem a história e mencionarem suas dúvidas e curiosidades pressupõe outros olhares para as representações da negritude.

Na segunda sessão, foi contada a história “O menino marrom” (PINTO, 1986). Nesse dia, o ambiente foi preparado com cadeiras em círculo e cada criança sentou-se em uma cadeira, e no meio do círculo havia uma bacia de plástico com água dentro. As pesquisadoras mostraram um boneco preto e perguntaram às crianças se já tinham visto um menino daquela cor. As crianças apontaram para o colega negro, da classe. Perguntamos ainda se aquele boneco tinha a cor bonita, e algumas crianças responderam rapidamente: “não (risos)”, enquanto o menino que as crianças apontaram respondeu “é bonito porque é igual eu” (*sic* Registo do

Realização:



Apoio:



caderno de campo). O intuito de trabalhar essas literaturas foi o de problematizar as narrativas que são contadas e apresentar outras perspectivas às crianças, como menciona a autora a seguir.

[...] não existe nada de inocente nas histórias infantis que apresentam, exclusivamente, um tipo físico como o portador da beleza, da bondade, da riqueza ou da magia. Por isso, cada vez que essas professoras possibilitam para as crianças ouvirem e verem histórias com outras representações, elas estão travando uma luta contra os discursos vigentes e dominantes sobre os modos como as crianças devem se reconhecer como sujeitos e reconhecer o Outro. Também rompem com as hierarquias nas quais se valoriza o branco europeu e se desvalorizam todas as outras formas de ser diferenças desse tipo, como o não étnico, ou seja, o padrão (DIAS, 2012, p. 186).

Na sequência da história, com o boneco e a bacia com água, as crianças imaginaram que as pesquisadoras iriam dar um banho no boneco negro, porque era um bebê. Dissemos que iríamos contar uma história, e que cada uma das crianças teria que nos ajudar.

Levamos um material de papel dobradura, já confeccionado, pintado com diferentes cores em formato quadrado e numerado pela quantidade de alunos/as que foi distribuído para cada um. As crianças não conseguiam visualizar a cor que havia dentro do quadrado. Com o boneco no colo de uma das pesquisadoras, iniciamos a história e a cada trecho da narrativa era solicitado que um aluno (começando pelo número um) colocasse dentro da bacia com água o material em formato de quadrado que recebeu. Ao se envolver com a água o quadrado em dobradura se abria e as crianças conseguiam ver a cor que estava em seu papel. Todas as crianças ficaram ansiosas até chegar à sua vez e a cada nova cor, ficavam surpreendidas, até que se encheu a bacia com diferentes cores, durante o processo de contação da história do “Menino Marrom”.

No final da história indagamos as crianças se tinham percebido a variedade de cores que havia na literatura e que podíamos observar com as próprias figuras na bacia. Todas responderam que sim. A partir disso, as crianças ficaram ouvindo atentas e disseram: “minha cor é linda né?”, “eu sou igual o menino marrom mas sou

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



mais marrom que ele”, “todo mundo é bonito, até bem pretinho” (Registro de caderno de campo).

Para finalizar, a última história contada foi “Bruna e a galinha D’angola” (ALMEIDA, 2003), para diferenciar dos outros ambientes preparados, levamos as crianças no gramado da escola e elas sentaram-se em círculo. Contamos a história por meio do livro, mostrando as imagens e dialogando com as crianças. Ao término da literatura foi questionado sobre o que acharam da história, se conheciam pessoas parecidas com a personagem. Um menino que tinha resistência quando se falava de pessoas negras, mencionou: “essa Bruna é bem feia, nem dá *pra* ver essa pele escura direito”. Indagamos: “mas você se parece com ela e é bonito”. Ele respondeu “eu sou bonito porque sou moreno e ela é feia porque é bem pretona”. (Registro de caderno de campo).

O trabalho com as história e memória da população negra deve ser contínuo, com diversas histórias e ações didático-pedagógicas que problematizem as representações sociais fixas e hegemônicas apresentadas, como a do menino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho com a contação de histórias e das ações na escola, é possível também a realização de outros trabalhos coletivos, que sejam estendidos à comunidade e as famílias. Ao convidar os responsáveis pelas crianças a apreciarem os resultados de ações como essas na escola, as representações sobre a população negra podem ser compreendidas como conteúdos curriculares que precisam ultrapassar os muros da escola e problematizar os preconceitos presentes em outros espaços.

O nosso trabalho promoveu momentos de diálogos com as crianças que as propiciaram vivenciar e perceber diferentes narrativas sobre a população negra e como essas representações são produções sociais. Por fim, pretendemos que as/os professoras/es busquem mais recursos, realizem mais trabalhos sobre as temáticas abordadas, inventando e reinventando práticas que oportunizem e ampliem as possibilidades pedagógicas de um novo olhar para as crianças e suas infâncias.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





Desse modo, ressaltamos a relevância de profissionais da educação que tenham posicionamentos críticos sobre preconceitos, que busquem conhecimentos, estudos e pesquisas realizadas por autoras/es que tratam a respeito do tema proposto para que possam discutir e criar estratégias no processo de ensino e aprendizagem das/os alunas/os. Afinal, o/a educador/a é referência para seus/suas alunos/as, seus pontos de vistas e suas ações serão padrões para a formação das identidades das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. 3. ed. Rio de Janeiro: EDC; Pallas, 2003.

ANTONELLI, Eli. Negros no sul? Tem, sim senhor. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/158/artigo228092-3.asp>>. Acesso 26 jul. 2016.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre a complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. **Ministério da Educação**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, MEC/Secad, 2004.

_____. **Ministério da Educação**. Conselho nacional de educação. Resolução Nº 1 de 17 de Junho de 2014. Disponível em:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf>. Acesso em dia: 12 de Março de 2016.

CARNEIRO, Maria Luiza Lucci. **O racismo na História do Brasil**. 6. ed., São Paulo. Ática. 1998.

CAVALLEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na educação infantil**. – São Paulo: Contexto, 2003.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, Educação Infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 179-193.

DUARTE, Carolina de Paula Teles. A abordagem da temática étnico-racial na educação infantil: o que nos revela a prática pedagógica de uma professora. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paul: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 138-162

FELIPE, Delton Aparecido; FRANÇA, Fabiane Freire. **Contação de história no timor leste: algumas experiências de uma professora brasileira**. Revista Educação e Linguagens, v. 4, p. 9-13, 2016.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuco. **Processo identitário na educação escolar e as narrativas sobre a negritude brasileira**. Revista Fórum Identidades, v. 17, p. 29-48, 2015.

FRANÇA, Luiz Fernando de. **Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo** [dissertação de mestrado em Estudos de Linguagem]. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2006.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de gênero na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2003a.

GOMES, Nilma Lino. “Corpo e Cabelo como Ícones de Construção da Beleza e da Identidade Negra nos Salões Étnicos de Belo Horizonte. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

Realização:



Apoio:





GOMES, Nilma Lino. **Identidade Negra e Formação de Professores:** um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita** 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitex, 1993.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Adja Motta de; SOUZA, Fabiana Leandro de; MOURA, Dayse. **Identidade racial na educação infantil:** o que pensam as professoras acerca da educação das relações raciais e da construção de uma autoimagem positiva da criança negra? Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.2/identidade%20racial%20na%20educacao%20infantil.pdf>. Acesso em: 10 de Março de 2016.

PÉREZ, Carmen, Lúcia Vidal. Cotidiano: história(s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professores alfabetizadoras. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 97-118.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom.** 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

ROSEMBERG, Fúvia. Temas em debate: Educação Infantil, classe, raça e gênero. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. **Cadernos de Pesquisa.** n.96, fev. 1996. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/333.pdf>>. Acesso em: 10 de Março de 2016.

ABSTRACT

Because we believe that the school is a space conducive to hear and narrate stories, this text aims to report a didactic-pedagogical experience held in a school located in the city of Campo Mourão-PR. We seek to answer the following problems: what representations of race that circulate in Early Childhood Education? How can we contribute to discussions in this space? We selected for the pedagogical actions a group with twenty children aged between 4 and 5 years, who study in the class of Level II. The selection of Early Childhood Education was due to the fact that in this stage, children are in the process of formation and identity construction. Therefore, the need to problematize the historical basis of racism and social inequality that still affects a significant part of the Brazilian black population, and therefore, it is necessary that teachers develop practices that value the history and culture of people in their varied differences. We consider that the narratives that circulate in the school, the stories that are told and the representations that are seen as references

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





need to be revisited and pluralized, to problematize and deconstruct the model of whiteness established by society.

Key words: Child Education; Storytelling; Law 10.639 / 03; Racial representations.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

